



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

DA EUROPA AO BRASIL: UM ESTUDO SOBRE A TRAJETÓRIA DO ENSINO SUPERIOR EM GEOGRAFIA

Glauber Barros Alves Costa*
(UESB)

RESUMO

O presente artigo propõe analisar a história do ensino superior no Brasil, especificamente a historiografia do curso de Geografia. O objetivo central é compreender o processo de surgimento dos primeiros cursos e das primeiras instituições superiores no país que tinham como tônica a formação em Geografia, para isso buscou-se traçar uma trajetória desde o surgimento das cátedras na Europa até os primeiros cursos de Geografia no Brasil, a partir de pesquisas em obras que abordam essa temática. Para tal foi desenvolvida exclusivamente uma análise (bibliográfica) de livros da História da Educação e História do pensamento Geográfico. Diante da pesquisa, foi possível verificar que o ensino superior em geografia é do século XIX na Alemanha, mas no Brasil ele só chegará após o período republicano com o surgimento das primeiras universidades.

PALAVRAS-CHAVE: História, Geografia, Historiografia, Ensino superior, Brasil.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca analisar a história do ensino superior de Geografia no Brasil. O objetivo central é compreender o processo de surgimento dos primeiros cursos e das primeiras instituições superiores no país que tinham proposta básica a formação em Geografia.

* Professor da área de Ensino de Geografia da UESB e Mestre em Educação pela UFS, participante do grupo de pesquisa Educação, Políticas públicas, Meio Ambiente e Representações da UESB. E-mail: glauberbarros@hotmail.com



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Propõe-se a discutir a formação superior em Geografia no Brasil, discutindo os seus antecedentes históricos, e como ela se deu desde a Alemanha, onde surgem as primeiras cátedras da ciência com determinadas fundamentações epistemológicas, até a criação do primeiro curso de Geografia na Universidade de São Paulo (USP). Entendendo como se dá esse processo e como a criação da USP irá se constituir em um marco histórico relevante para o desenvolvimento da Geografia enquanto ciência no país.

Para tal análise, foi necessário desenvolver uma pesquisa exclusivamente bibliográfica. Nesse sentido, foram utilizadas obras da História da Educação Brasileira e da História do pensamento geográfico que apresentam informações referentes à temática analisada nesse estudo.

O referencial teórico utilizado constituiu-se principalmente em estudiosos do ensino superior no Brasil, tendo em Fávero (2000) e Chagas (1976) seus principais representantes, e autores da Geografia como Andrade (2008) e Moraes (1987).

O recorte temporal desse trabalho compreende o período em que foram encontrados os primeiros registros acerca da criação de cursos superiores em Geografia na Europa até o momento de consolidação dos primeiros cursos no Brasil.

Torna-se necessário ressaltar que o estudo é uma pesquisa na área da História da Educação e foi realizada de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos da Nova História francesa, mais precisamente da História Cultural.

A Geografia na Europa: os Pais da Geografia

A Geografia de Estrabão surge na Grécia, quando o pai da Geografia inicia suas primeiras observações empíricas do espaço ao seu redor e do universo, não

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

podemos descartar a importância de Estrabão, quando ele deixa escrito seu relato dos povos conquistados pela Europa e África.

É na *Geographia*¹³⁸ de Estrabão que encontramos uma série de dados que evidenciam, determinam e justificam alguns aspectos sócio-econômicos, políticos e culturais do seu tempo, sobre as políticas empregues e a vida e a forma de ser dos povos conquistados.[...] Ele preocupou-se em apresentar cada região com a sua fisionomia particular, procurando realçar aspectos morais e políticos para além de uma geografia descritiva, favorecendo, deste modo, a instituição romana na procura do seu comércio com as dezenas de províncias que compunham o seu império. (ROSA, 2009, p.114)

A Geografia desse período era um conhecimento disperso, não se podendo falar de um conhecimento padronizado até o final do século XVIII, definido como a 'pré-história da Geografia'. Todos esses pressupostos do século XVIII contribuíram para a sistematização da Geografia, que se tornará ciência, no século XIX, com os geógrafos alemães que ocuparam as primeiras cátedras da disciplina nas universidades alemãs.

No último quartel do século XIX, com a Alemanha, tendo seu Estado firmado, e o projeto de unificação e expansão organizado, Friedrich Ratzel irá revigorar a sistematização da Geografia.

Sobre a Geografia ratzeliana, Moraes (1987) afirma que "A Geografia de Ratzel foi um instrumento poderoso de legitimação dos desígnios expansionistas do Estado alemão recém - constituído. Lucien Febvre chegou denominá-la de 'manual de imperialismo'. (p.52)

A Geografia concebida por Ratzel, fez com que a escola francesa, se mobilizasse, vendo que a Geografia da Alemanha, estava intrinsecamente ligada ao

¹³⁸ *Geographia* é um tratado de 17 livros escritos por Estrabão contendo a história e descrições de povos e locais de todo o mundo que lhe era conhecido à época, povos esses dominados pelo poder romano, na Europa, Ásia e África.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

projeto de expansionismo do império alemão. Nesse sentido, Vidal de La Blache, geógrafo francês, funda os *Annales de Geographie* (1891), e começa a promoção de uma Geografia Humana contestadora da 'Antropogeografia' de Ratzel.

A escola francesa formou-se na primeira metade do século XX, tendo por centro as idéias defendidas por Vidal de La Blache, primeiro geógrafo francês a ocupar uma cátedra universitária de Geografia. A derrota da França frente a Alemanha, em 1871 foi por muitos tida como consequência do ensino ministrado no país e considerado de inferior qualidade ao que oferecido na Alemanha. Tanto que se disse que a guerra foi ganha pelo mestre escola Alemão. [...] Em seguida criada a cadeira de Geografia na Universidade de Nancy, ela foi criada ao historiador Vidal de La Blache. (ANDRADE, 2008, p. 109 e 110).

Os *Annales de Geographie* aproximou La Blache dos historiadores e sociólogos, a Geografia passou a ter um caráter social, que foi muito influenciada pela sociologia durkheiminiana. O legado de La Blache vai além dos diálogos com a História, ele eleva a Geografia ao patamar de ciência nas cátedras francesas, o que antes era um braço da História, a partir de La Blache ganha notoriedade e passa a influenciar a própria História.

Lucien Febvre defendia as mesmas categorias que Vidal La Blache, sobre essa convicção na defesa da suas idéias, Burke (1997, p. 25), afirma:

[...] foi importante para Febvre o geógrafo alemão Ratzel. O historiador francês era uma espécie de ostra intelectual, que elaborava mais facilmente suas idéias quando irritado pelas conclusões de algum colega.

Ratzel com o determinismo geográfico que defendia a influencia do espaço (meio físico) sobre as ações humanas, e La Blache com as idéias de região natural, em que o meio não interferia no ser humano, mas sim este que o transformava,



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

tornou-se um embate ideológico, que teve em Lucien Febvre um dos grandes defensores, sobre isso Burke (1997) contribui:

Nesse debate em que o determinismo geográfico opunha-se à liberdade humana, Febvre apoiou firmemente Vidal e atacou Ratzel, enfatizando a variedade de possíveis respostas aos desafios de um dado meio. Segundo ele, não havia necessidades, existiam possibilidades. (BURKE, 1997, p.26)

Por ser contra Ratzel, L. Febvre também deixa claro sua postura política ao abraçar as teorias vidalinas, que também promoviam o Estado da França, mesmo que não tão explicitamente como Friedrich Ratzel defendia o Estado alemão.

O Ensino Superior no Brasil: Da Colônia às primeiras Universidades

Não podemos falar em ensino superior no Brasil no período colonial, existiam apenas cursos superiores de Filosofia e Teologia oferecidos pelos jesuítas, eram os conhecidos cursos eclesiásticos o ensino de Geografia existia na educação promovida pelos jesuítas numa perspectiva muito memorística. O governo de Portugal impedia o desenvolvimento do ensino superior nas suas colônias, temendo que esses estudos pudessem contribuir com os movimentos de independência. Lopes (2000, p. 9) assevera que:

[...] da Colônia à República, houve grande resistência à idéia de criação de universidades no país; mais de duas dezenas de propostas e projetos foram apresentados e não lograram êxito. A resistência às tentativas de fundação de universidades no Brasil proveio da coroa de Portugal à época do Brasil - Colônia e de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

brasileiros que pensavam que as elites deveriam ir para a Europa, a fim de educar-se e lá realizar seus estudos superiores. A universidade de Coimbra era a preferida.

Assim um marco temporal no que tange a formação superior no país é a chegada da Família Imperial no Brasil, pois antes desse marco aconteceram no Brasil apenas algumas iniciativas isoladas como, o curso superior de Engenharia Militar no Rio de Janeiro, que surgiu no final do século XVII, sendo importante e relevante frisar que propostas como essas não podem ser consideradas como o ingresso do Brasil no ensino superior já que, para todos os efeitos, era um estabelecimento português.

Quando da chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil, fugindo das tropas napoleônicas, a Educação no Superior no Brasil depois de três séculos, irá dar seus primeiros passos em direção a algo mais concreto e relevante. Com a chegada da Coroa ao Brasil, irá delinear uma nova conjuntura para a educação como um todo. Os novos instrumentos institucionais que serão construídos nesse período garantirão à Educação Superior no país um suporte necessário para o ensino das primeiras profissões a partir das cátedras no Brasil.

Nesse período, a tradição brasileira de formação em nível superior limitou-se principalmente as Escolas de Medicina, Obstetrícia, Odontologia, Farmácia, Direito e Engenharia. Até o momento não existiam instituições superiores com cursos voltados para a formação do magistério, sendo que a formação dos professores era garantida mediante cursos a “nível médio” oferecido pelas Escolas Normais. (COSTA; OLIVEIRA, 2009, p.04).

Muitas universidades surgem no Brasil com diversos cursos superiores, mas a primeira universidade do Brasil que assumiu por longo tempo o título de universidade, e não foi sucumbida, foi a Universidade do Rio de Janeiro, que foi criada em 1920, com autorização legal do presidente.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Em 1935, também no Rio de Janeiro, surge outra universidade a Universidade do Distrito Federal (UDF), sobre isso Fávero (1980, p. 68), afirma,

[...] durante a gestão do prefeito Pedro Ernesto, criou-se a Universidade do Distrito Federal (UDF), graças ao esforço, tenacidade e iniciativa de Anísio Teixeira. Esta universidade surgiu com vocação científica e estrutura totalmente diferente daquela das universidades existentes no país, inclusive da USP. Como esta, a UDF nasceu da luta do novo com o velho.

Nesse momento histórico é que surgem as primeiras grandes universidades do país, com propósitos inovadores e políticos articulados com a época, mas que ao mesmo tempo tiveram seus projetos desarticulados ao enfrentar uma realidade avessa à importância do ensino superior, quanto construção de uma população crítica e politizada.

No mesmo período em 1934, surge em São Paulo a Universidade de São Paulo (USP), com as tentativas frustradas de revolução dos paulistas, e manutenção do poder, eles resolvem conquistar esse objetivo através do saber, portanto promovem a universidade para controlar o Brasil. Sobre a USP, Fávero (1980, p. 167), afirma:

Em 25 de Janeiro de 1934, um decreto estadual criou a universidade de São Paulo (USP), incorporando – lhe as seguintes escolas superiores existentes: Faculdade de Direito, Escola Politécnica, Escola Superior de Agronomia, Faculdade de Medicina e Escola Veterinária. O instituto de Educação foi elevado à categoria de escola superior e incorporado à Universidade como Faculdade de Educação. Já no âmbito da nova universidade, foram criadas a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, o Instituto de Ciências Econômicas e Comerciais e a Escola de Belas Artes.

Essa instituição apresentava em sua estrutura uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que, segundo Fernando de Azevedo passou a ser a “medula” do



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

sistema, tendo por objetivo a formação de professores para o magistério secundário, normal e superior, a realização de altos estudos desinteressados e a pesquisa. “Para ele, [...] A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, concebida como o coração da universidade seria o lugar onde se desenvolveriam os estudos de cultura livre e desinteressada”. (CUNHA, 2000, p. 168)

É na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), da USP que será iniciado o primeiro curso superior de Geografia do Brasil, na verdade o curso era conjunto de Geografia e História, por isso se terá uma característica de produções marcadas por uma geografia historicista nesse primeiro momento de formação do curso.

Para iniciar as discussões dentro da Geografia o governo irá trazer vários professores estrangeiros para iniciar o Ensino superior no país, a função ficou com o professor Theodoro Ramos da Escola Politécnica que entrou em contato com o governo francês e italiano para trazer docentes para o grupo de trabalho da USP, especificamente se destacam dois professores, Pierre Monbeig (Geografia Humana e Geografia Física) e Pierre Deffontaines (Geografia), este ficou responsável pela aula inaugural na FFCL iniciando a vida acadêmica na USP e conseqüentemente o curso de Geografia no Brasil.

Posteriormente Pierre Monbeig, organizou o departamento de Geografia e criou mais duas cátedras com os professores Aroldo de Azevedo responsável pela Geografia do Brasil e João Dias da Silveira com a Geografia Física.

O curso de Geografia começa a ganhar densidade e organização, e o francês Deffontaines terá um importante papel na Geografia brasileira e na academia.

Deffontaines iniciou seu contato com o Brasil na década de 30, fundando a cadeira de geografia na USP em 1935. Nos anos seguintes, mesmo sem se fixar de maneira definitiva no país, manteve contatos regulares com o Brasil, tendo sido o criador da cadeira de geografia na UDF, onde lecionou de 1936 a 1938. Foi

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

também um dos principais responsáveis pela criação da Associação dos Geógrafos Brasileiros, do Conselho Nacional de Geografia e da Revista Brasileira de Geografia. Promoveu, igualmente, a participação do Conselho Nacional de Geografia do Brasil no Comitê Internacional de Geografia. (FERREIRA, 1999, p. 290)

O curso de Geografia já estava estruturado no país vinculado a uma Geografia francesa lablachiana¹³⁹ que promoveu uma formação em Geografia Clássica ou Descritiva, e que gerou diversos trabalhos nessa perspectiva. O conceito de região fica claro nesse período de produção da Geografia brasileira.

Ou seja, a fórmula antiga, 'o meio ambiente propõe, o homem dispõe', a região é uma realidade concreta, física, sendo uma referência para a população que ali vive. Caberia ao pesquisador geógrafo investigar quais os fatores geraram essa região, nesse sentido não deveria ser descartada a categoria tempo, por isso a Geohistória surge para ajudar na interpretação dos dados, com o método da descrição, para poder penetrar na complexidade que é o espaço.

Como o curso de Geografia era vinculado ao de História na FFCL da USP, conseqüentemente os diálogos com a História dará mais foco à dimensão humana que Paul Vidal La Blache agregava à região, como na França, no Brasil a Geografia e a História irão estabelecer diálogos contínuos, na França isso acontecia com os Annales, com as publicações de Fernand Braudel, na Universidade de Estrasburgo. No Brasil as monografias com temas regionais irão se espalhar definindo bem um campo teórico embasado na Geografia de La Blache contra a Geografia Alemã ratzeliana.

Os cursos superiores de Geografia e História ficaram vinculados até 1956, dividindo o mesmo departamento na USP. Sobre esse momento Martinez (2002, p. 23), assevera que,

¹³⁹ Originário de Vidal de La Blache.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

[...] Na FFCL/USP, o ano (1956) assinalou o desmembramento da 5ª Subseção, a de Geografia e História, separando definitivamente o destino administrativo e pedagógico destas disciplinas. Seria necessário mensurar os desdobramentos posteriores a essa data, no tocante ao diálogo entre Geografia e História naquela instituição. Esta convivência compulsória era derivada do período da criação da FFCL, guardando a marca do espírito francês de colaboração entre as duas áreas do conhecimento [...].

A trajetória da Geografia na academia inicia com a USP e posteriormente chega a UDF, quando Deffontaines cria o curso na Universidade do Distrito Federal em 1936 e fica lecionando na cátedra de Geografia até 1938. Esse momento histórico é importante para a Geografia brasileira, pois a institucionalizavam da Ciência irá promover a criação de bases necessárias para pensar uma Geografia genuinamente brasileira, principalmente com a criação da Associação de Geógrafos do Brasil (AGB).

ATA DE FUNDAÇÃO - 17 Setembro 1934

Em 17 de setembro de 1934, à Av. Angélica, 133, os Srs. Pierre Deffontaines, Luiz Flores de Moraes Rego, Rubens Borba de Moraes e Caio Prado Jr, resolveram os presentes fundar uma sociedade de estudos geográficos denominada Associação dos Geógrafos Brasileiros. (AGB, 1934).

Compreender a trajetória dessa Geografia criada e desenvolvida no Brasil é compreender a identidade de uma Geografia específica que trata das questões brasileiras e se apropria do território brasileiro quanto conhecimento e produção de pesquisas.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

CONCLUSÕES

A Geografia quanto ciência parte de um momento gestacional na Grécia e em Roma com Estrabão, e durante o período de controle da igreja das ciências ela como tantas outras fica estagnada, até ser retomada na Alemanha.

No século XIX a Prússia almejava fundar o Estado-Nação alemão, institui a formação básica para todos com a exigência de aprender a língua nacional, a história e a geografia na perspectiva do “amor a pátria”, a Geografia articulada por Ratzel terá um importante papel no avanço do Império alemão. O que faz com os franceses acordem e juntamente com historiadores Vidal de La Blache inicia uma proposta de uma Geografia aversa a antropogeografia ratzeliana.

Nesse período (1870) na França e Alemanha a Geografia irá carregar a função patriótica sendo necessária à classe dominante do período ela passa a ser ensinada na escola e nas cátedras das universidades francesas e alemãs.

Até no século XX chegar ao Brasil como ciência, não que não existisse Geografia anterior aos primeiros cursos de Geografia, sempre existiu Geografia desde o Brasil Colônia, mas o recorte temporal e espacial desse artigo se propôs a analisar a Geografia quanto ciência até os primeiros cursos nas universidades brasileiras da USP e da UDF.

Compreendendo que para a Geografia no ensino superior foi importante a articulação do Brasil com a França para a criação das primeiras cátedras de Geografia no país na década de 30, sendo relevante a influencia da Geografia francesa nos estudos e produções da Geografia local; além de influenciar na institucionalização da ciência geográfica.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

REFERÊNCIAS

- AGB – Associação dos Geógrafos do Brasil, **Ata de fundação de da AGB** de 17 de Setembro de 1934.
- ANDRADE, M. C. de. **Geografia: ciência da sociedade**. Recife: Editora Universitaria da UFPE, 2008.
- AZEVEDO, Fernando de. As origens das instituições escolares. In: **A cultura brasileira**. Parte III – A transmissão da cultura. 6. ed. Brasília: Editora UNB, 1996. p. 545-601.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia/ Trad. Nilo Odalia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- COSTA, Glauber Barros Alves; OLIVEIRA, N.A. Um Estudo sobre o Ensino Superior no Brasil. In: **Anais do VIII Colóquio Nacional e I Internacional do Museu Pedagógico**, Vitória da Conquista, 2009.
- CUNHA, Luiz Antônio. Ensino Superior e Universidade no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. **Universidade e poder**. Análise crítica/ fundamentos históricos: 1930 – 1945. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. Os professores franceses e o ensino da história no Rio de Janeiro nos anos 30. In: MAIO, M. C. e BOAS, G. V. **Ideais de modernidade e sociologia no Brasil: ensaios sobre Luiz de Aguiar Costa Pinto**. Porto Alegre (RS): UFRGS, 1999. p. 277-299.
- LOPES, José Leite. **Universidade no Brasil: um histórico e um alerta**. In. FÁVERO, Maria de Lourdes de A. **Universidade do Brasil: Das Origens à Construção**. Rio de Janeiro: UFRJ/INEP, 2000.
- MARTINEZ, Paulo Henrique. Fernand Braudel e a primeira geração de historiadores universitários da USP (1935- 1956): notas para estudo. In: **Revista de História** [online]. 2002, n.146, pp. 11-27.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: Pequena História Crítica**. São Paulo: Hucitec, 1987.
- ROSA, Maria Manuela Tomaz. O universo utópico de Estrabão no livro 15 sobre a Índia. In: **Revista Sapiens: História, Patrimônio e Arqueologia**. N.º 2 (Dezembro 2009), p.112-125.
- SOARES, Maria Susana Arrosa. **A Educação Superior no Brasil**. Editora: UNESCO, Porto Alegre, 2002.